



PIXO. DIREÇÃO: JOÃO WAINER E ROBERTO T. OLIVEIRA. SÃO PAULO: SINDICATO PARALELO FILMES, 2009.

Mariana D. C. Lopes*

* maducalo@yahoo.com.br

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG e bacharel em Letras pela UFMG.

Pixo, documentário de João Wainer e Roberto T. Oliveira sobre a pixação e os pixadores de São Paulo, estreou em 2009 na *Fondation Cartier*, em Paris, e no Brasil foi exibido pela primeira vez no mesmo ano durante a 33ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Feito de dentro para fora, por quem convive com esse universo, o filme apresenta uma ampla e honesta análise, que, sem tentar ser imparcial, revela significados, motivações, estilos, formas e consequências da pixação.

A maioria dos pixadores de São Paulo é formada por jovens da periferia, jovens que vivem à margem da sociedade e dos espaços da cidade. Há também uma minoria formada por jovens e adultos de outras classes sociais. Em comum,

esses grupos têm a necessidade da adrenalina, do risco: escalar prédio, fugir da polícia, confrontar moradores. Seja pixando um muro baixo ou o topo de um prédio, a pixação gera adrenalina e, por isso, ela é assumida por alguns como um vício, incontrolável e prazeroso.

Para os jovens da periferia, a pixação é também um modo de apropriação dos espaços que são a eles negados cotidianamente, uma forma de marcar a cidade para ser visto, para pertencer. A pixação pode, então, ser um ato político, um protesto social, uma forma de anarquia, um manifesto daqueles que são normalmente impedidos de ultrapassar as fronteiras que dividem a sociedade.

Esses e outros aspectos da pixação são teorizados pelo fotógrafo Choque em breves cenas inseridas cuidadosamente ao longo do filme. As falas de Choque são acompanhadas de cenas com depoimentos e atuações de pixadores, muitas das quais capturadas anteriormente por Djan, pixador que colaborou com a pesquisa, e incorporadas ao filme, o que confere a *Pixo* um olhar extremamente realista na tentativa de montar um complexo quebra-cabeça.

O espectador é também apresentado à cultura dos pixadores, aos seus valores. A pixação tem categorias que representam diferentes níveis de dificuldade: muro, janela, prédio, escalada; cada pixador tem sua assinatura e suas modalidades recorrentes. Quase todos eles concordam que a pixação tem que ser impactante e persistente o suficiente para ser reconhecida na cidade, aquela múltipla São Paulo. E todos eles sabem que possivelmente permanecerão impunes se forem flagrados pela polícia, tendo como pena tapas, chutes, a cara pichada, mas não a privação da liberdade ou uma punição legal.

Para o comportamento da polícia, *Pixo* reserva algumas cenas que exemplificam as atitudes mais adotadas pelos policiais, que consistem em intimidações, agressões e ameaças. Os pixadores relatam seus históricos de agressão e não demonstram terem se sentido intimidados. Um ex-policial afirma que o ideal (o legal) seria o pixador ser conduzido à delegacia e lá ser condenado a alguma pena de caráter social, como pintar uma escola. No entanto, pela falta de estrutura

nas delegacias e, às vezes, pelo despreparo do policial, isso não acontece.

A maioria dos pixadores pixa sua assinatura, sua marca, fazendo com que seu registro seja facilmente reconhecido por seus pares. Destacam-se, então, aqueles que têm mais pixações, ou as mais difíceis. Essa, inclusive, é a diferença entre pichação e pixação, esclarecida no livro *Pichação não é pixação*:

Nas ruas de São Paulo existe um tipo específico de pichação, denominada pixação, com “x”. O pixador, em alguns casos, atua sozinho; em outros, se une a grupos em que todos pixam o nome da gangue, competindo por visibilidade e valorizando intervenções realizadas sob condições de alta dificuldade, fazendo uso de ferramentas como spray e rolo de espuma.¹

Pixo investiga os pixadores, com “x”, abordando também essa competição entre eles e a cultura da valorização de certos estilos de intervenção. Em São Paulo são promovidos, e o filme mostra, encontros para troca de autógrafos, que alguns chegam a colecionar. Por outro lado, e *Pixo* também mostra, há disputas entre gangues que às vezes ultrapassam o limite do saudável, do esportivo, provocando enfrentamentos diretos, confrontos físicos e mortes.

Essas informações, além de explicitadas nas falas de Choque, são exemplificadas, ilustradas e aprofundadas por meio de outras cenas montadas de forma muito ágil. Os

1. LASSALA. *Pichação não é pixação*, p. 36.

planos de *Pixo* não têm longa duração e os enquadramentos são discretos, sendo cúmplices dos pixadores ao não se deterem em seus rostos nas cenas de pixação. A velocidade da montagem reproduz também a da ação filmada, criando no filme uma atmosfera de tensão e de atenção.

Os pixadores mostram o rosto, em geral, somente nas cenas de depoimentos. Nessas cenas, há uma legenda com o nome ou apelido de quem fala grafado de duas maneiras: com uma letra convencional e com os grafemas do pixo. Essa decisão de registrar a dupla grafia tem para o espectador funções didáticas, pois direciona seu olhar para a compreensão dessa nova linguagem ao apresentá-la traduzida para a língua que conhecemos. Choque destaca, nesse ponto, que o registro do pixo é feito de e para pixadores, que não tem a intenção de se comunicar com a cidade. É uma comunicação interna, uma nova língua, com novos grafemas.

A trilha sonora também foi selecionada de dentro para fora. Sob a responsabilidade do *rapper* Ice Blue, integrante da banda Racionais MC's, e de Tejo Damasceno, as músicas que acompanham *Pixo* foram gravadas por artistas que alcançaram certa visibilidade no meio, como Mano Brown e Sabotage, e também por artistas que ainda não alcançaram grande circulação, como MC P.A.P.O e Jorge du Peixe. As letras das músicas acompanham as reflexões provocadas no

filme, contribuem para a construção dos sentidos, e seus ritmos conduzem as ações mostradas nas cenas.

A história da pixação, suas origens, momentos e influências, é explorada em *Pixo*. Um depoimento de Choque aponta como influência estética da pixação desde os hieróglifos das civilizações antigas até os letreiros de bandas de rock, como o do Iron Maiden, por exemplo. Saindo da estética e ampliando a perspectiva para a pichação, com “ch”, são discutidas no filme as pichações políticas, que tem como maiores exemplos os muros pintados na época da ditadura brasileira com mensagens de resistência e luta. Há também as pichações poéticas, com mensagens que buscam quebrar a concretude da cidade. Todas essas formas de pichação influenciam e contribuem para as definições da pixação.

Os contrapontos às vozes da pixação são mais destacados ao final do filme, quando são apresentadas intervenções de pixadores na Bienal Internacional de Arte de São Paulo e em uma exposição de trabalhos na USP. Os pixadores que entraram nesses espaços, nessas ocasiões, deixaram suas marcas, intervíram nas obras, foram criminalizados pelos presentes e retidos pelos seguranças locais. Nessas cenas, há vários depoimentos de pessoas que se sentiram ofendidas pelas pichações e que as julgam como atos alienados e/ou criminosos.

A decisão de inserir essas cenas apenas ao final pode revelar uma intenção de provocar questionamentos no espectador, que, após acompanhar todo o desenrolar do filme do ponto de vista do pixador, é levado de volta ao lugar comum, ao senso comum, que apenas julga, que não entende e não quer entender. No entanto, na sequência dessas cenas, para encerrar, há o depoimento de profissionais de outras áreas (um jornalista e um crítico de arte, para citar apenas alguns) que fortalecem o ponto de vista defendido em *Pixo*, o da pixação como arte, como forma de expressão, como ato político e social.

Pixo é um convite para uma imersão em um universo desconhecido pela maioria. E o convidado logo percebe que essa imersão não é neutra, que define claramente o ponto de vista da enunciação: o de dentro. Revelando a intimidade desse universo complexo e caótico, *Pixo* propõe reflexões e pede um posicionamento do espectador, que dificilmente permanecerá neutro ao final.

REFERÊNCIAS

LASSALA, Gustavo. **Pichação não é pixação**: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. São Paulo: Altamira, 2010.

PIXO. Direção: João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. (61 min.), widescreen, color., legendado.